

EDITORIAL

Este volume da *Phoînix* homenageia Maria das Graças de Moraes Augusto. Filósofa, professora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) desde 1978, ela contribuiu enormemente para o desenvolvimento dos Estudos Clássicos no Brasil, participando da fundação do Programa de Estudos em Filosofia Antiga da UFRJ e da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos e deixando como legado uma importante geração de pesquisadores por ela formados. Sua produção de diversos artigos e capítulos de livros se divide, em linhas gerais, em estudos sobre a *República* de Platão, sobre as relações entre a filosofia e a comédia antigas e sobre a recepção dos clássicos principalmente no Brasil.

A leitura começa com a primeira tradução brasileira do acádio de *Arad mitanguranni*, ou o *Diálogo do Pessimismo*. Ali Jacyntho Lins Brandão nos oferece não só uma primorosa versão do diálogo entre um senhor e seu escravo, como um comentário que ressalta o seu propósito filosófico e suas conexões intertextuais com a literatura babilônica em geral. Central nessa discussão é a importância da hesitação, em particular a que tem a forma de uma contraposição antilógica, no esforço de abandonar uma interpretação unívoca da realidade e tentar compreendê-la.

Na sequência, Mauro Tulli apresenta uma interpretação literária da diferenciação entre os caminhos de investigação apontados por Parmênides em seu poema. Valendo-se do padrão específico do priamel, que ocorre nas canções de Safo e nas odes de Píndaro, o autor faz uma detalhada análise do texto parmenídico, na qual conclui que ao caminho da verdade se opõem a escuridão da *doxa*, o fantasma do não-ser prefigurado no pensamento de Heráclito e também posições dos *polloi*.

Sobre a moderação feminina, atribuído à filósofa pitagórica Fíntis (de Esparta ou Crotona), também ganha neste volume a sua primeira tradução comentada brasileira. O texto, geralmente incluído na categoria da pseudépigrafe pitagórica, é um dos primeiros manuais sobre conduta feminina atribuídos a uma mulher que chegaram até nós, mas Carolina Araújo mostra que, para além disso, ele se constitui em uma análise da polissemia da virtude de moderação (*sophrosune*).

A temática das virtudes continua no artigo de Roberto Bolzani Filho, que analisa os argumentos do livro IV da *República* de Platão em comparação com diálogos anteriores do mesmo autor – o *Cármides* e o *Protágoras* –, para contrastar alguns dos aspectos dos conceitos de temperança e justiça. Em particular, o autor aponta como essas virtudes, constantemente aproximadas, são submetidas, na *República*, a um processo de “desintelectualização” em suas definições.

Comparar a *República* de Platão é propósito também do artigo de Olimar Flores-Júnior, porém trata-se, nesse caso, de confrontá-la com a *República* atribuída a Diógenes de Sínope, sobretudo no que diz respeito às suas poéticas filosóficas. Após mostrar como as *chreiai* são uma forma de discurso da qual o cinismo se apropria para formular uma “obra aberta”, o autor destaca o antagonismo que elas estabelecem com o projeto literário platônico que põe em marcha o método dialético em um arcabouço dramático. Por outro lado, isso não deve obscurecer afinidades importantes entre os autores, em particular aquela da defesa de uma coalescência efetiva entre *nomos* e *physis*.

É essa mesma forma dialógica que Cícero entende como o mais importante legado platônico, em especial porque se relaciona com o modo de proceder de Sócrates em suas perguntas e argumentos. É isso o que mostra Alice Bitencourt Haddad em sua análise de *Academica* e *De Finibus*, obras em que Cícero põe em curso esse método filosófico no delicado desafio de se contrapor ao seu antigo professor Antíoco de Ascalão – representado por Luculo, Varrão ou Pisão –, que passou a adotar posições dogmáticas.

No Brasil, *habemus Platones!* Eis a tese de Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa em sua leitura comparada entre dois *Banquetes*: o de Platão e o de Mário de Andrade, publicado periodicamente no jornal *Folha da Manhã*. A começar pelo “*quasi amor*”, a forma da curiosidade intelectual, as afinidades se estendem pela ascendência aristocrática, a forma dialogal e o uso dos prólogos. Elas acabam, no entanto, na ruptura com a tradição defendida pelo modernista.

O dossiê termina com um relato ilustrado, feito por Haiganuch Sarian, das práticas de pesquisa arqueológica da professora Maria das Graças de Moraes Augusto em Delos. Com ele concluímos a nossa homenagem, deixando registrada a importância da sua contribuição acadêmica.

O último artigo que compõe este número é livre e discute um tema muito atual a partir do contexto da Peste Antonina. Julio Cesar Magalhães

de Oliveira defende que os avanços recentes na pesquisa das patologias do passado e nossa experiência recente com a Covid-19 têm aberto novas perspectivas para o estudo dessa que pode ser considerada a primeira pandemia já registrada. O objetivo do seu texto é apresentar as dificuldades de interpretação a respeito do impacto e das consequências da Peste Antonina, mas também refletir sobre a experiência dessa epidemia à luz das questões do presente.

À Faperj, um agradecimento especial, pelo financiamento do presente número da revista.

Por fim, convidamos os estudiosos do mundo antigo, bem como o público em geral, para uma leitura proveitosa e propositiva dos artigos que compõem este novo volume da *Phoînix*.

*Alice Bitencourt Haddad (UFF) e Carolina Araújo (UFRJ)*¹

¹ Ver dados profissionais das autoras nos artigos que assinam neste volume.